

A FESTA DO BONFIM: OLHARES CRUZADOS ENTRE AS IMAGENS DE WELDON AMERICANO DA COSTA E AS FOTOGRAFIAS DA PESQUISA LAZER E CORPO: AS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DO CORPO NAS FESTAS POPULARES BAIANAS.

Adriana Priscilla Costa Cavalcanti¹; Cales Alves da Costa Júnior² e Luís Vitor Castro Júnior³.

1. Participante voluntária do Grupo de Estudos Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário, Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: adriprisc@gmail.com
2. Bolsista do grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário, Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: calesajr@gmail.com
3. Orientador, Coordenador do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: victorcapoeira@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: fotografia, festa e corpo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa intitulado **Lazer e Corpo: as expressões artísticas e culturais do corpo nas festas populares baianas** que busca analisar as diversas manifestações nas festas populares baianas, não como meras alegorias folclóricas, mas como expressões “recheadas” de saberes nos quais os corpos utilizam formas variadas de linguagem. Dentre as festas que estão sendo analisadas na pesquisa, temos: Lavagem do Bonfim, Iemanjá, Conceição da Praia, Santa Bárbara que acontecem em Salvador e de Nossa Senhora D’ Ajuda em Cachoeira.

Neste sentido, o trabalho em questão tem o objetivo de identificar e analisar as similaridades e diferenças dos saberes corporais nas imagens da festa do Senhor do Bonfim retratadas por Weldon Americano da Costa em sua obra “Cidade do Salvador: terra do meu coração” e a fotografias da pesquisa Lazer e Corpo.

A relevância da proposta dar-se-á, justamente por reconhecer, que os produtores culturais são artistas populares e que se utilizam desses momentos para encenar sua arte, de criar e de fazer, realizando múltiplas polirritmias e polifonias, de fluxos, de sentidos, de matérias e de expressões que interagem permanentemente, carregando em si a potência da diferença, do enigma, do silêncio, do inventivo e da irrupção que incorporam o contraditório, o conflito e as intensas lutas de poder.

MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA

Utilizamos a imagem fotográfica como um meio de conhecimento pelo qual encontramos micropaisagens do passado, tentando estabelecer “conexão” com o que está posto nos dias atuais, de maneira a servir como fonte de informação para elucidar, “ilustrar”, subsidiar e enriquecer a compreensão de aspectos sutis que muitas vezes não conseguimos traduzir em palavras e que revelam outros “vestígios”, principalmente em se tratando dos corpos (Borges, 2003).

Deve-se ficar atento à imagem fotográfica, pois ela abarca uma multiplicidade de vestígios da realidade e diferentes significados selecionados pelo fotógrafo. Portanto, além de oferecer um documento técnico-estético, a fotografia é política e ideológica. Ela é um artefato que tem um conteúdo no qual se revela uma imagem, o “objeto-imagem”, que é constituído de múltiplos significados, abarcando uma complexidade de significação. E através deste artefato

fotográfico “(que lhe dá corpo) e de sua expressão (o registro visual nele contido), constitui uma fonte histórica” (Kossoy, 2001).

As fotografias aqui analisadas compõem o acervo da obra **“Cidade do Salvador: terra do meu coração” (1953)** de Weldon Americano da Costa e do banco de dados da pesquisa **“Lazer e Corpo: as expressões artísticas e culturais do corpo nas festas populares baianas”**.

Weldon Americano da Costa nasceu em 1º de junho de 1924, viveu e morreu em Salvador em 08.09.1971. Era filho de Adelaide Fernandes da Costa e de José Americano da Costa, que foi prefeito do Município de Jequié e de Salvador. A obra analisada representa uma declaração de amor à Salvador através de versos, prosas e fotos exaltando as numerosas tradições da cidade (Costa, 2007).

As fotos do projeto de pesquisa Lazer e Corpo foram produzidas por professores, pesquisadores e estudantes envolvidos na investigação.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Click 1 – Contextualizado a Festa do Bonfim



Figura 1: Montagem feita com fotos da obra de Weldon Americano da Costa. Igreja do Senhor do Bonfim, Salvador-BA

A devoção ao Senhor Bom Jesus do Bonfim surge em Salvador, implementada pelo capitão-de-mar-e-guerra da marinha lusitana Teodósio Rodrigues de Faria. Este com extrema devoção ao seu santo, trouxe a imagem de Setúbal em 1745 e logo em seguida instituiu a Irmandade. Em 1754 inaugurou com uma grande festa religiosa a capela que foi erguida no alto da colina, que era conhecida como Montes-serrate, hoje chamada de Colina Sagrada (Tavares, s/d).

Desde 1804 a festa ao Senhor do Bonfim ocorre no segundo domingo após a Epifania, onde o “sagrado e profano” em uma hora se distanciam e em outra se confundem, “no mesmo carinho com que ambos traduzem a força da fé, o amor pelo santo” (Tavares, s/d).

Neste mesmo período, entre o final do século XVIII e início do XIX, a capela precisou ser ampliada e foi elevada à condição de igreja (Santana, 2009), como pode ser vista nas fotografias acima.

Em 1937 a romaria (cortejo da quinta-feira) passou a vir da Conceição da Praia, com milhares de pessoas a pé, em carroças enfeitadas, ou em carros, trazendo barris, potes e latas com água, tendo a frente à banda de música Militar até a igreja do Bonfim, onde, “após missa festiva pela fraternização universal o povo entregou-se a lavagem da igreja, do adro e do largo” (Santana, 2009).



Figura 2: Montagem de fotos das carroças na Festa do Bonfim. À esquerda, foto da obra de Weldon Americano da Costa. À direita, foto produzida na Festa do Bonfim em 2011

Se no passado as carroças levavam os fiéis e participantes para a Igreja do Senhor do Bonfim, hoje, o uso deste transporte tem sido marcado pela luta entre os que acreditam na permanência da tradição e aqueles que acreditam que “não pode haver cultura sobre a crueldade e a ilegalidade”. O conflito foi gerado a partir de uma ação civil pública proposta pela Ordem dos Advogados do Brasil-Bahia (OAB-BA) e pelas Organizações Não Governamentais (ONGs) Terra Verde Viva, Animal Viva e Célula Mãe contra a presença de eqüinos (Correia, 2011).

Click 2 – As Baianas do Bonfim



Figura 3: Montagem de fotos do cortejo das baianas na Festa do Bonfim. À esquerda, foto da obra de Weldon Americano da Costa. À direita, foto produzida na Festa do Bonfim em 2011.

Logo pela manhã em frente à Conceição da Praia, dá-se início a concentração daqueles que vão participar do cortejo dos lavadores da igreja. À frente seguem as baianas, dançando e cantando em devoção a Oxalá, levando consigo as “bilhas” e as jarras, cheias de flores e água de cheiro, com os seus lindos vestidos bordados, enfeitadas com seus “balangandãs” e fazendo uso de rendas lindíssimas e delicadas, sobressaindo assim à beleza das “mães-de-santo e das negras baianas” (Tavares, s/d).

O corpo que equilibra a jarra deixa de ser meramente uma forma de realizar as atividades do lar e passa ser também parte integrante da devoção. Se no passado, o ritual evidenciava-se em sua maioria a presença das senhoras, atualmente verifica-se um cortejo “recheado” de jovens moças.

A tradição era mantida em sua maioria pelas senhoras. As jovens meninas acompanhavam o cortejo, em uma espécie de rito de passagem, o conhecimento era transmitido de mãe para filha. Em dias atuais, percebemos que temos como maiores encarregadas desta tarefa, jovens moças, que agora levam as jarras nas mãos, como mostram as fotografias acima.

Click 3 - Os equilibristas: da jarra a cana.



Figura 4: Montagem de fotos. À esquerda, foto da baiana. Obra de Weldon Americano da Costa. À direita, foto do vendedor de cana, na Festa do Bonfim em 2011.

Se o equilíbrio é um importante elemento corporal que reúne um conjunto de “habilidades motoras”, abrangendo o controle postural e locomotor do sujeito; equilibrar na festa representa a força da fé que faz a baiana cumprir todo o seu ritual a pé, enquanto o corpo do trabalhador serve de espetáculo ou performance na arte de equilibrar para prover o

sustento, conforme fotos acima. O peso do trabalho, de certa maneira é diluído, pela arte do brincar, do dançar e através das rimas e “cantarolas” em alta voz no imenso barulho da festa.

Click 4 – A capoeira



Figura 4: Montagem de fotos. À esquerda, a capoeira. Obra de Weldon Americano da Costa. À direita, foto dos capoeiristas na Festa do Bonfim em 2011.

As fotografias acima de Americano, os capoeiristas de branco, mostram a galantia do capoeirista. O uso desse traje mais alinhado mostra a vontade, por parte dos capoeiristas, de dar uma conotação à capoeira, diferente daquela em que o capoeirista era visto como vagabundo, sujo e maltrapilho. Andar “na beca”, às vezes de cartola e bengala contribuía para afirmar as novas práticas discursivas para a capoeira enquanto arte e cultura nobre.

Embora a maioria dos grupos ou centros de capoeira, na atualidade, assumam a cor branca como a cor “oficial” da capoeira, até o início das primeiras décadas do século passado, o traje branco era usado nas datas comemorativas da cidade, e essa utilização refletia o imaginário social que buscava consolidar o pensamento liberal do início do século XX ao pregar a assepsia social, cuja concepção subjacente afirmava uma política de higienização do corpo limpo e saudável, no entanto, existe também uma simbologia marcante nas vestimentas da cor branca dos adeptos aos cultos religiosos afro-brasileiros; a cor branca como sinônimo de paz e de purificação.

A elegância dos capoeiristas na fotografia em destaque mostra uma habilidade gestual de jogar, que permitia ao capoeirista, vadiar sem se sujar. O Mestre João Pequeno (1989) fala que “antigamente pra jogar capoeira, você só sujava as palmas das mãos, as plantas dos pés e a ponta da gravata”. A galantia dos capoeiristas estava na arte de vadear com as calças engomadas, paletó e chapéu na cabeça, sem se sujar e sem deixar o chapéu cair. Uma dimensão estética do vestir e do jogar que se constitui não exclusivamente no espaço da roda, faz-se visível nos mais diversos espaços da festa por onde esses capoeiristas passavam fazendo brincadeiras, com seus “três jeitos” de sentar, de cortejar a dama e de dançar.

Já na atualidade, a cultura material da indumentária dos capoeiristas é marcada pelo uso da calça de elenca, sempre justa no corpo, camiseta de poliéster e/ou algodão com a marca do seu grupo e o uso de cordão na cintura mostrando a graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de relacionar imagens produzidas em tempos históricos diferentes revela tanto similaridades, quanto diferenças nos saberes corporais manifestados durante os festejos a Senhor do Bonfim em Salvador. Identificamos que há uma luta constante na tentativa de evitar mudanças significativas na cultura e na tradição. Além disso, verificamos que os produtores culturais são os artistas populares que encenam sua arte seja pela devoção e\ou pelo sustento e que criam e recriam no vasto espaço da festa, realizando múltiplas polirritmias e polifonias.

Acreditamos que através de trabalhos como este procuramos valorizar as diferenças culturais e o dinamismo com que essas festas populares são organicamente vividas.

REFERÊNCIAS

- BORGES, M.E.L. 2003. História e Fotografias. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.
- CORREIA, T. 2011. Devotos criticam perda de tradição na Lavagem do Bonfim. [online] Jornal A Tarde. Homepage: <http://atardeonline.com.br/cidades/noticia.jsf;JsesSionid=74E1BADCF238CA8DC7CA0F1716D9253A.tomcatdube1?id=5671560>
- COSTA, W.A.C. 1953. Cidade do Salvador: terra do meu coração. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda.
- COSTA, M.V.A. 2007. Weldon Americano da Costa: Lição de vida e exemplo de humildade. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.orkut.com/CommMsgs?tid=10998327&cmm=292605&hl=pt-BR>
- KOSSOY, B. 2001. Fotografia e História. São Paulo: Ateliê, 2001.
- SANTANA, M.C. 2009. Alma e festa de uma cidade: devoção e construção da Colina do Bonfim. Salvador: EDUFBA.
- SANTOS, J.P. 1989. Mestre João Pequeno. Entrevista realizada na sua academia, no Largo de Santo Antônio Além-do-Carmo, Salvador, BA.
- TAVARES, O. s/d. Bahia, imagens da terra e do povo. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro.